

Safra brasileira responde à maior prioridade do mundo

» JOÃO GUILHERME SABINO OMETTO
Engenheiro, empresário e membro da Academia Nacional de Agricultura (ANA)

No presente cenário global de inflação das commodities e alimentos, a agropecuária brasileira, vencendo intempéries, dificuldade de crédito, juros altos e majoração de insumos provocada pela invasão da Rússia à Ucrânia, dá uma resposta ao mundo: a produção de grãos no ciclo 2021/2022, com 272,5 milhões de toneladas, será a maior de toda a série histórica, conforme dados do 10º levantamento da nova safra, datado de 7 julho, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Observa-se crescimento de 6,7% ou 17 milhões de toneladas em relação à temporada anterior.

O desempenho do setor rural brasileiro tem significado ainda mais relevante se levarmos em conta o relatório *World Population Prospects 2022 (Perspectivas da População Mundial)*, que acaba de ser divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo o documento, em novembro próximo, o número de terráqueos chegará a 8 bilhões e a Índia deverá superar a China como o país mais populoso. Em 2030, o planeta terá 8,5 bilhões de habitantes e, em 2050, 9,7 bilhões.

O problema é que, em meio à expansão demográfica, cresce, desproporcionalmente, a miséria, como demonstra estudo do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), também apresentado em julho. As crescentes taxas de inflação provocaram aumento de 71 milhões de indivíduos pobres nas nações em desenvolvimento, em apenas três meses, desde março de 2022. Como muito bem ressalta nosso ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues: “Segurança alimentar é a única garantia de paz universal”.

O relatório alerta que esses países, com reservas fiscais esgotadas e altos níveis de dívida pública, bem como taxas de juros ascendentes nos mercados financeiros, enfrentam desafios que merecem total atenção de seus governantes e da comunidade global. Cabe citar a informação do Banco Mundial de que a pandemia, sozinha, levou a dívida das nações em desenvolvimento à maior alta em 50 anos, o equivalente a mais de duas vezes e meia suas receitas.

A análise do Pnud abrange 159 economias e indica que as altas de preço de commodities-chave têm impactos imediatos e devastadores nas famílias mais pobres, com pontos críticos mais evidentes nos Balcãs, países da região do Mar Cáspio e África Subsaariana. No Brasil, estatísticas recentes também indicam o aumento da miséria e de famílias submetidas à insegurança alimentar.

É preocupante o fato de o nefasto fluxo de empobrecimento ocorrer numa velocidade sem precedentes, maior até mesmo do que se observou no pico da pandemia. Embora atenuadas pela vacinação, ainda vivenciamos as duras consequências da covid-19. Como se não bastasse, é imenso o impacto da guerra no Leste da Europa, a maior causa, neste momento, da majoração global de insumos, alimentos e commodities, conforme reitera o estudo do organismo da ONU.

Nesse cenário, a safra recorde brasileira pode

contribuir para um equilíbrio maior de preços no mercado interno e para atenuar um pouco as pressões inflacionárias globais. Assim, é importante que nossa agropecuária tenha maior apoio, principalmente quanto a crédito, taxas de juros menores e subvenção ao prêmio do seguro rural, para continuar produzindo em larga escala. Trata-se de prioridade absoluta.

Ao respondermos com eficácia à demanda mundial por commodities agrícolas e comida, não apenas ajudaremos a reduzir a insegurança alimentar, como geraremos mais divisas e criaremos melhores condições para a retomada de taxas mais vigorosas de crescimento de nosso PIB. Temos uma clara perspectiva de, ajudando o planeta, reduzir o desemprego dos brasileiros, ampliar o fluxo de investimentos, criar melhor ambiente de negócios e superar as dificuldades fiscais que, a exemplo de muitos países, estamos enfrentando. É fundamental, portanto, aproveitar essa oportunidade histórica.



62

Retrocessos ambientais e ameaças marcam o governo Bolsonaro

» JORGE PONTES
Delegado, escritor e precursor do combate aos crimes ambientais na PF

Apesar do enorme potencial ambiental do Brasil, vivemos, com o projeto bolsonarista, um período de trevas em que contabilizamos inúmeros retrocessos na matéria. E retroceder, em questões ambientais, é algo perigosíssimo, pois não sabemos se ainda nos resta, nessa altura dos acontecimentos, tempo suficiente para revertermos muitos dos danos já causados à natureza.

Com o aumento da devastação de extensas áreas de cobertura florestal, como vem ocorrendo em nosso país — com a explosão da atuação criminosa de madeireiras, garimpeiros e grileiros, estamos perdendo — junto com as árvores — toda uma biodiversidade que nem sequer foi apropriadamente inventariada pela ciência.

E o mais inacreditável é que o governo Bolsonaro, aparentemente, vem atuando com o objetivo de enfraquecer as estruturas de fiscalização e enfrentamento aos crimes ambientais, minando suas resistências por intermédio do aparelhamento das instituições e do afrouxamento das normas de proteção do nosso patrimônio natural.

É a “passagem da boiada”, conforme as

palavras de Ricardo Salles, ex-ministro de triste memória. O projeto bolsonarista para o meio ambiente é tão somente o desmonte. Não há qualquer traço de preocupação com sustentabilidade, com a salvaguarda das florestas ou da biodiversidade.

O último grande revés nesse tema foi objeto de artigo de Vinicius Sassine, publicado em 4 de agosto na *Folha de S. Paulo*, que trouxe a notícia de que policiais federais que cuidam de investigações sobre extração de ouro em terras indígenas afirmaram que as Forças Armadas teriam se recusado a fornecer aeronaves para ações que coíbam o avanço da estrutura logística mantida por quem explora essa atividade ilegal. Essa situação, segundo a matéria, estaria acontecendo de forma recorrente.

E exatamente sobre delitos e degradação do meio ambiente no Brasil, acaba de ser lançado, com selo da editora Mapa.Lab, a obra *Guerreiros da natureza — a história do combate aos crimes ambientais na Polícia Federal*. No livro, registramos fatos e situações, desde os primórdios da criação do braço da PF especializado no combate à delinquência ambiental, passando

pela era das grandes operações, pelo enfrentamento de biopiratas, de quadrilhas de contrabandistas de vida selvagem, de madeira ilegal, até o desenvolvimento e aplicação de sofisticadas técnicas de investigação com base em geointeligência, e do estabelecimento de cooperação internacional em alto nível, como suporte aos nossos inquéritos.

Em suma, relata o despertar da consciência ambiental na PF, e a luta que seus agentes, peritos e delegados vêm travando contra a criminalidade ambiental organizada no país, em especial na região amazônica. E trata também dos retrocessos e ameaças atuais, produzindo reflexões sobre essas décadas de trabalho, com o oferecimento de sugestões de caminhos para o futuro.

Finalmente, se não temos conquistas a celebrar em matéria da defesa do nosso meio ambiente, podemos ao menos esperar, como nação, uma mudança no comando do país, a partir de 2023, por conta das eleições de outubro desse ano. A tragédia ambiental brasileira, operada pelo governo de Jair Bolsonaro, por si só, é motivo mais do que suficiente para que o despejemos do Planalto nessa primeira oportunidade.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Mas se ergues da justiça a clava forte

No domingo, varrido de vozes e de gente, o farol lança um fio de luz que paira sobre o mar, denunciando as ondas na sua tentativa de subir nas rochas e atingir o céu, sempre imóvel. Um gole de chá quente sorve o passar das horas e o riscar dos astros na abóbada celeste. Indefinidamente, desdobra-se o tempo ao longo do caminho. De que valeria ficar aqui neste ponto da América, com tantas estrelas se perdendo de vista? Sim, verdadeiramente, vamos todos juntos na horizontal. O ocaso dos astros. O nosso ocaso. Atirados a um canto do mundo, peito ao léu, de só intempérie feito, na opressão, no suceder de eras, erros e feras sem sono. Seguimos apáticos, tristes ao incógnito. Em um barco sem remos, mar adentro. Hoje, o viver é só de lutas feito. Trago a noite e durmo com um sorriso nos lábios sabendo que, por trás dos montes, se anunciam trilhas virgens. É mister por elas seguir.

Os mapas traçados conduzem a lugares gastos por homens cansados pelo empobrecer da rotina. Cada um que carregue seu fardo acumulado. Cada um que mora como muitos, como todos têm morrido. Somente o desejo do viver permanecerá aceso, sem sentido algum. Deste universo infinito, deixem ao menos uns palmos onde repouse a eternidade das ideias. Vida nova a dobrar a cada esquina. Terá noção o tempo das horas que arrasta pesadamente? Ou o caminho dos passos que nele esticam aqueles que sonhando seguem esquecidos das horas nas trilhas passadas?

Daqui de cima, a cidade parece bem mais frágil. Cidade, eu te conheço pelo o que menos tens de cidade. Sei que és tão varia e dissoluta como as folhas que rolam pelo chão de cá, para lá, ermos pelo vento da madrugada. Agosto traz consigo um vento seco que, percorrendo os jardins, rouba-lhes as cores e o frescor. Uma aragem repentina vem agitar o galho de uma árvore, onde dois pássaros parecem ensaiar um beijo flutuante.

Vem um cansaço, refletindo no retrovisor tantos troves, lacerdinas, enxurradas. Mas é preciso continuar. A força vem do amigo a suspirar por entre as folhas dizendo: É preciso continuar. Mais um dia se rompe. Ontem, às oito da noite, o sangue parou de circular. Disseste: “Esquece”. Notei que já não chovia só lá fora. Na terça parte, mais ilusão que certezas havia.

Nas páginas atuais, as linhas finas deitadas sobre o branco aguará frias e silenciosas o contorno leve da alegria que a pena já não traça. A vista se volta para o céu, onde tudo está desesperadamente nu. O meu consolo é o consolo deste chão gretado. Jaz meu peito em tua porta. Em vão choro pelos cantos da cidade, onde o sol empresta a cor do poente a essas velhas folhas do outono. As árvores se despindo aos poucos lembram como é fugaz o orvalho no deserto. É preciso seguir com as estações. Ser um tempo novo sobre as mesmas coisas velhas. Guardar uma lágrima para cada porto. Lavar o rosto e deixá-lo brilhar ao dia. E, a largos passos, partir.

» A frase que foi pronunciada

“No Brasil, quem tem ética parece anormal.”

Mário Covas

Surpresa

» De peito azul e braços amarelos, o ciclista Leonardo Mota foi surpreendido com uma arara que pousou em seu capacete enquanto andava de bicicleta num grupo. A população de Brasília tem respeitado as araras que a cada ano procriam com tranquilidade.

Mobilização

» Consumidores começam a se mobilizar por aplicativos que apontam menor preço. São quatro os Apps que se destacam no valor do combustível: Waze, Gaspass, Completa e Drivvo.

Perigo

» O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e outras instituições públicas com arquivos sigilosos precisam rever a forma de entrar no sistema. O Senado é muito mais seguro que o Cade. São vários passos até conseguir acessar a rede e as senhas são trocadas regularmente. Já o Cade só exige e-mail e senha para o acesso.

Procura-se dormidor

» Ser criativo e usuário constante nas redes sociais. Essas são algumas das exigências para empregar dormidores. É que a Emma Colchões quer saber como se sentem por toda uma noite em cima do produto. O trabalho é de oito horas corridas.

» História de Brasília

O úisque nacional começou a ser o preferido, e já passou, no supermercado, de 910 para 1060 cruzeiros. Já os bujões de gás não vêm com o peso legal. Efetivamente não é proposital, mas é falta de cuidado na aferição das balanças dos depósitos. Ao mesmo tempo, o aumento foi de mais de vinte por cento. (Publicada em 8/3/1962)